



## **A práxis inventiva dos gêneros e formatos no jornalismo de Arnon de Mello<sup>1</sup>**

José MARQUES DE MELO<sup>2</sup>

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

### **RESUMO**

O jornalista Arnon de Mello destacou-se no cenário nacional como repórter inventivo, experimentando formas de expressão que antecipariam os contemporâneos gêneros jornalísticos e seus formatos. Focalizaremos aqui seus exercícios de criatividade no âmbito dos gêneros diversional, utilitário e interpretativo, exemplificando a práxis inovadora dos gêneros convencionais: informativo e opinativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; gêneros; formatos; Brasil; Arnon de Mello.

### **TRAJETÓRIA BEM SUCEDIDA**

Arnon de Mello (1911-1983) ingressou precocemente no jornalismo, como revisor e repórter do *Jornal de Alagoas*. Ao completar a maioridade, decidiu tentar a sorte no Rio de Janeiro, trabalhando inicialmente como repórter no *Diário de Notícias*, passando depois ao quadro dos Diários Associados, comandados por Assis Chateaubriand.

Sua atuação no jornalismo nacional marcou época, consagrando-se como repórter de vanguarda, pelo desempenho na cobertura de dramáticos episódios da política brasileira: a ascensão do getulismo ao poder e a resistência armada dos paulistas ao ditador gaúcho.

No primeiro episódio, ele realizou uma série de entrevistas, dando voz aos decaídos da República Velha. No segundo, privilegiou o ponto de vista da revolução constitucionalista, cobrindo os acontecimentos do front paulista, além de haver proclamado a vitória política dos que foram derrotados militarmente pelas tropas federais.

Particularmente no caso paulista, praticou um tipo de jornalismo avançado para a época, em certo sentido antecipando-se ao cultivo de gêneros e formatos que contemporaneamente estão catalogados como interpretativos, diversionais e utilitários,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, no 11º Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 34º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), instituição na qual é diretor-titular da Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Coordenador do GP Gêneros Jornalísticos, subordinado à DT 1 – Jornalismo, da Intercom.



mas também inovando na produção de textos informativos e opinativos (MARQUES DE MELO & ASSIS, 2010).

Tanto as entrevistas publicadas no *Diário de Notícias* quanto as reportagens veiculadas pelos Diários Associados foram buriladas e enfeixadas em livros que deram notoriedade ao jornalista alagoano que tomara um Ita no Norte ambicionando triunfar na cidade maravilhosa.

### **LIVRO-REPORTAGEM**

O texto introdutório que Arnon de Mello escreveu, em fevereiro de 1933, na primeira edição de *São Paulo Venceu!*, corresponde a um tratado jornalístico, fundamentando teórica e metodologicamente a natureza do seu livro-reportagem.

Trata-se de um atestado da maturidade de um repórter muito jovem (com apenas 22 anos), autodidata, prudente, mas ousado e criativo, consciente do seu trabalho inovador.

Os traços singulares da sua narrativa são antecipados didaticamente ao leitor.

Cerceado em sua liberdade de apuração dos fatos, o repórter experimenta um modo singular de expressão dos cenários observados. Abandona o formato convencional da reportagem, produzindo um diário de campo:

Enviado especial dos Diários Associados junto às forças em operações no vale do Paraíba e tolhido pela censura de publicar qualquer coisa que ferisse os melindres da Ditadura, resolvi logo escrever um diário, em que pusesse tudo quanto visse e ouvisse no decorrer do movimento (MELLO, 1933, p. 15).

Preserva, no entanto a credibilidade jornalística, narrando os fatos com isenção e sinceridade: “livro de jornalista, de indiscrições e de verdades... [...] procuro ser sempre fidedigno. Sou uma testemunha que narra simplesmente o que viu e ouviu, sem quase externar opiniões ou fazer julgamentos” (MELLO, 1933, p. 19).

Dessa maneira, demonstra que é possível ser objetivo, sem ser imparcial, fiel aos fatos, sem esconder a simpatia pelos vencidos que proclama vencedores: “feito ao calor da luta, mas em que eu procurei ser sempre fidedigno, sofrendo o mais possível o meu entusiasmo de moço, francamente favorável ao grito de protesto que, com sacrifício [...] São Paulo ergueu em bem do Brasil” (MELLO, 1933, p. 15).



Finalmente, Arnon de Mello registra a solidão vivida nessa empreitada, procurando superar os obstáculos que se antepunham ao seu caminho como repórter credenciado por uma cadeia jornalística que adotava linha editorial de oposição ao governo revolucionário.

Para recolher o material que aqui se encontra, tive, no entanto, de lutar com vários obstáculos. A minha qualidade de representante dos Diários Associados não me recomendava muito à confiança dos oficiais. Eram mesmo raros, principalmente no início da luta, os que me falavam sinceramente da situação. Eu vivia quase isolado, como uma pessoa terrível, e isso, em meio à valentia dos combatentes, talvez até me confortasse um pouco a vaidade... (MELLO, 1933, p. 19).

Esse sentimento orgulhoso, ele não esconde ao concluir o texto introdutório, no qual se credencia como testemunha ocular da história:

Com este livro simples e apressado, mas verdadeiro e honesto, desejo, enfim, lançar um pouco de clareza no confusão atual e fornecer alguns elementos exatos de informação aos que futuramente se preocupem com os dias tormentosos e heróicos da Revolução Constitucionalista (MELLO, 1933, p. 20).

## **MARCAS DA CRIATIVIDADE**

Por que Arnon de Mello decidiu fazer um “diário de campo”? O que o induz a anotar tudo que via e ouvia no Vale do Paraíba?

A missão dos “correspondentes de guerra” era cobrir o conflito, e não descrever a retaguarda das forças federais, ali acantonadas. Enquanto aguardavam a ofensiva dos paulistas, os oficiais dificultavam a imprensa de se aproximar da frente de batalha.

A tática jornalística do repórter está explicada em anotação feita no dia 18 de julho, uma semana depois da chegada a Barra Mansa (RJ). Arnon vivenciara a censura feroz praticada ao trabalho de cobertura dos jornalistas pelos oficiais militares de plantão.

Assim sendo, o repórter sente-se livre para preparar seu livro-reportagem, incluindo o que considerasse relevante e ao mesmo tempo experimentando formas narrativas que não se encaixavam nos padrões usuais do jornalismo da época.

O livro *São Paulo Venceu*, fonte das considerações a seguir esboçadas, oferece uma visão comparativa dos gêneros praticados pelo repórter Arnon de Melo.

A amostra analisada tem a seguinte composição:



<b>Gênero</b>	<b>Formato</b>	<b>Unidades identificadas</b>
Informativo	Entrevista	2
Opinativo	Caricatura	1
Interpretativo	Enquete	1
Utilitário	Serviço	3
Diversional	História colorida	2
	História de viagem	1
	História de interesse humano	3

## **JORNALISMO DIVERSIONAL**

Arnon de Mello antecipa-se ao cultivo de formatos posteriormente consagrados pelo jornalismo diversional brasileiro, mas correntes mundialmente, sobretudo no jornalismo híbrido praticado por Ernest Hemingway, mesclando as expressões ficcionais com a informação da atualidade.

A figura do repórter e do escritor, em Hemingway, se confundem, se interpenetram. É difícil estabelecer exatamente os limites entre um papel e o outro; porque, ao construir romances e novelas, denota ele a presença do repórter que viveu cenas, testemunhou fatos e conheceu personagens e depois os incorporou ao seu mundo do imaginário; e, quando escreve notícias, reportagens, comentários, reflete o escritor, seja no estilo, na estrutura do texto ou na própria dimensão do contexto (MARQUES DE MELO, 1972, p. 49).

Se não atuava como ficcionista, Arnon de Mello seguramente era leitor perspicaz dos romances e novelas que circulavam no seu tempo, mimetizando suas formas e estruturas. Esse aprendizado ele iniciou no Grêmio Guimarães Passos, amadurecido na convivência com os seus pares da Academia Alagoana de Letras.

O jornalismo diversional oferece “possibilidade de o jornalista aprofundar e apurar o olhar a respeito do cenário social, retirando dele o que de mais interessante e curioso possa haver” (ASSIS, 2010, p. 159). Vamos encontrar, no diário de Arnon de Mello, por exemplo, trechos que correspondem a autênticas “histórias coloridas”, com descrição de paisagens, ambientes, pessoas ou situações que não encontravam guarida nos gêneros jornalísticos hegemônicos.

Esse formato do jornalismo diversional consiste em narrar a “situação em que se desenvolve o fato”, mas a ênfase recai no “modo como a história se desenvolve” e não na informação propriamente dita (ASSIS, 2010, p. 151).



É, sem dúvida, a descrição que ele faz do ambiente percebido no hotel em que fica alojado na cidade de Rezende (RJ), onde recolhe uma saraivada de críticas mordazes ao jornalismo, denotando que sua presença ali fora percebida e conotada.

Mas também se inclui no gênero diversional o registro de uma típica “história de viagem”, formato que “tem por objetivo ‘apresentar ao leitor [...] descrição minuciosa do infortúnio, acrescentando [...] em tom pessoal e informal o contexto da ação’” (COSTA apud ASSIS, 2010, p. 153).

É o que faz Arnon de Mello: expressa as sensações causadas pelo percurso de trem numa madrugada invernal, permitindo desfrutar a paisagem, fruir o movimento do comboio, bem como recolher impressões no local de chegada.

Em seu “diário de campo”, vamos encontrar, igualmente, pitorescas “histórias de interesse humano”, formato que “oferece uma releitura de um acontecimento a partir de detalhes que passam a suscitar a emoção do leitor” (ASSIS, 2010, p. 151). Elas temperam o jornalismo cotidiano com o humor cultivado pelos ficcionistas, sem naturalmente fazer concessões ao inverossímil. Como, por exemplo, as peripécias vividas pelo copeiro improvisado do Hotel Careca de Barra Mansa.

Outra bela “história de interesse humano” é a hilariante narrativa do maluco andarilho, preso no campo de batalha e interrogado pelo coronel Moreira Lima. Além de divertida e minuciosa, a matéria assemelha-se, pela dimensão textual, a uma rocambolesca “história sem fim”.

O texto “O medo invadiu o meretrício” transborda surrealismo puro, configurando certas características que posteriormente seriam atribuídas ao jornalismo diversional, uma vez que reproduz “técnicas narrativas literárias” (ASSIS, 2010, p. 150). Assemelha-se ao conto, narrando o pânico que se instaura na cidade Rezende (RJ), cuja população se apavora ante a possibilidade de ser convertida em cenário da luta fratricida. Essa instabilidade se alastra até a zona do meretrício, tal como descrito pelo repórter.

## **JORNALISMO UTILITÁRIO**

Não faltam no livro-reportagem esboços do que se convencionaria chamar depois de “jornalismo utilitário”.

Revisando, hoje, as “características próprias que o colocam como um gênero jornalístico independente”, Tyciane Vaz (2010, p. 125) explica: o “jornalismo utilitário



leva ao receptor a informação que ele necessita de imediato” ou que “o ajuda a tomar decisões que podem influenciar em suas ações cotidianas”.

Tal foi o caso do favor que o repórter empático fez aos soldados mobilizados no front, intermediando sua comunicação epistolar com os parentes distantes. Trata-se de um tipo de “serviço público” que a imprensa prestaria gratuitamente apenas no final do século.

Esse tipo de demanda comunicacional entre os soldados e suas famílias foi captado empaticamente pelo repórter Arnon de Mello, quando cria um espaço intitulado “Correio da Frente”, publicado inicialmente no *Diário da Noite*, mas depois ampliado para circular no carro-chefe da empresa, a revista *O Cruzeiro*.

Correspondendo à necessidade social dessa espécie, “os meios de comunicação de massa utilizam-se do jornalismo para prestar serviços de utilidade pública, muitas vezes sobre assuntos e temas que fazem parte do cotidiano dos cidadãos” (VAZ, 2010, p. 126).

Tal serviço repercutiu intensamente junto aos leitores do *Diário da Noite*, cuja tiragem foi quadruplicada. Arnon de Mello explicava com todas as letras como induziu o general comandante a ser o primeiro missivista.

Também se inclui, no gênero utilitário, o formato “necrológio”, como o que ele publicou nos dias seguintes à morte de Santos Dumont, acontecimento que provocaria comoção nacional.

Referindo-se a um tipo de “serviço que faz da informação um instrumento útil para a vida diária”, Vaz (2010, p. 133-134), ancorada na bibliografia internacional, lembra com razão: aportando “a possibilidade efetiva de ação ou reação”, esse gênero trata-se da “informação que oferece novas orientações, expectativas e elementos para os problemas pessoais, familiares e sociais.”

### **JORNALISMO INTERPRETATIVO**

No caso do gênero interpretativo, naquela conjuntura despontando na imprensa norte-americana, um dos seus formatos, a enquete, figura na lista do experimentalismo praticado por Arnon de Mello.

Se não corresponde ainda ao perfil delineado pelo clássico estudo de Curtis McDougall sobre esse gênero, confirma a existência precoce de “raros indícios da



prática de um jornalismo que procura mostrar aos leitores o *background* dos acontecimentos” (MARQUES DE MELO, 1992, p. 11)

Evidência disso é a matéria “Heroísmo paulista”, divulgando o conjunto de manifestações simpáticas aos constitucionalistas de São Paulo, com as quais fica surpreso o repórter ao visitar a capital federal nos estertores da guerra civil paulista.

### **GÊNEROS CONVENCIONAIS**

Por outro lado, formatos peculiares aos gêneros jornalísticos então legitimados merecem tratamento inovador. O repórter privilegia dois formatos dos gêneros hegemônicos: a entrevista e a caricatura.

No caso da “entrevista”, formato pertencente ao “jornalismo informativo”, ele procura instituir um tipo coloquial, mais próximo do depoimento do que daquele tipicamente instruído pelo questionário.

Trata-se, em verdade, de um modo de expressão noticiosa que “institui um diálogo entre jornalistas e fontes, permitindo um discernimento mais acurado dos bastidores da notícia” (MARQUES DE MELO, 1992, p. 12).

Um bom exemplo é o texto que contém a justificativa dada pela porta-voz do movimento das mulheres pacifistas, D. Alice Tibiriçá, aos chefes militares. Testemunhado e narrado pelo repórter, em Rezende, a impressão que resta é a de sua aparente ausência da narrativa, justamente para potencializar o desempenho da entrevistada.

Torna-se também antológica a “caricatura” verbal que o jornalista recolheu nas ruas do Rio de Janeiro, de certo modo reconstituindo a estrutura original desse formato do “jornalismo opinativo”, cuja expressão dominante já era então o traço ou desenho humorístico.

Não se pode esquecer que a caricatura antecede o jornalismo gráfico. Começando com o texto, “só depois se realiza através da imagem”, pois “muitos escritores já praticavam a sátira e o humorismo, deformando ou exagerando características de pessoas ou instituições” Um dos seus precursores, no jornalismo brasileiro, “foi o Padre Lopes Gama, [...] editor de um jornal caricato”, no século XIX, “dedicado à sátira política e social” (MARQUES DE MELO, 1985, p. 122).



## CONCLUSÃO

O jovem repórter confirma, no livro *São Paulo Venceu*, sua propensão literária. Nessa fase da vida intelectual, o interesse pela dimensão humana dos acontecimentos constitui indicador de uma vocação narrativa já esboçada na obra de estréia sobre os defenestrados da política e confirmada no livro seguinte, dedicada a suas visões africanas.

O registro contido nesta comunicação é um convite para que outros pesquisadores se debruçam detidamente sobre o legado jornalístico de Arnon de Mello, lado esquecido de sua personalidade polifacética. Nada mais oportuno e necessário, em função de duas efemérides: no calendário alagoano, o centenário do jornalista, neste ano de 2011; no calendário paulista, os oitenta anos da Revolução Constitucionalista, em 2012.

Trata-se de reconhecer que sua atuação no jornalismo nacional marcou época, consagrando-se como repórter de vanguarda pelo desempenho na cobertura da ascensão de Vargas ao poder e na resistência armada dos paulistas ao ditador gaúcho.

Particularmente no caso paulista, Arnon de Mello praticou um tipo de jornalismo avançado para a época, antecipando-se ao cultivo de gêneros e formatos hoje ascendentes, mas também inovando na produção de textos remanescentes na imprensa brasileira.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Francisco de. Gênero diversional. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (orgs.). *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 141-162.

COSTA, Lailton Alves da. Gêneros jornalísticos. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (orgs.). *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 43-83.

MARQUES DE MELO, José. Introdução. In: MARQUES DE MELO, José (org.). *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. São Paulo: FTD, 1992. p. 5-13.

\_\_\_\_\_. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. *Reflexões sobre temas de comunicação*. São Paulo: ECA-USP, 1972.





\_\_\_\_\_.; ASSIS, Francisco de (orgs.). *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MELLO, Arnon de. *São Paulo Venceu!* Rio de Janeiro: Flores & Mano, 1933.

VAZ, Tyciane Cronemberger Viana. Gênero utilitário. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (orgs.). *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 125-140.